

LE036

CARDIOTOXICIDADE AO TRATAMENTO DE LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA EM UM ADOLESCENTE: RELATO DE CASO E REVISÃO DE LITERATURA.

NEGRISOLLI, M.L.; YAMASATO, J.M.; FIGEREDO, I.H.; PEREIRA, H.M.V. Universidade para o Desenvolvimento do estado e região do Pantanal (UNIDERP), Campo Grande MS.

Objetivo: Relatar caso de paciente com leishmaniose tegumentar americana, que evoluiu com cardiotoxicidade ao tratamento. **Materiais e Métodos/Resultados:** Paciente de 17 anos, previamente hígido, portador de Leishmaniose Tegumentar Americana com história de úlcera em mão direita e tratamento empírico para Leishmaniose com ciclo de Glucantime® por 20 dias (40 ampolas) e posteriormente por 30 dias (60 ampolas) devido recidiva da lesão e aparecimento de nova lesão em asa do nariz. Procurou serviço de infectologia, realizado teste de Montenegro negativo e sorologia não reagente, iniciado novamente Glucantime® por 25 dias. Evoluiu satisfatoriamente recebendo alta, porém após um mês houve recidiva das lesões, sendo internado e iniciado Anfotericina B 860mg, nesta ocasião realizou ecocardiograma com prolapso de válvula mitral leve. Ainda durante esta internação, após 48 dias de tratamento, evoluiu com episódio de Acidente Vascular Encefálico Hemorrágico por mal formação arteriovenosa, sendo transferido para atendimento em nível terciário onde permaneceu internado por um mês para tratamento clínico. Após melhora do quadro, retornou para continuação do tratamento e apresentou sorologia para Leishmaniose reagente, reiniciado Anfotericina B, evoluiu com derrame pericárdico discreto e prolapso de válvula mitral, sem outros sintomas, suspendemos a Anfotericina, sendo iniciado corticoterapia, com evolução satisfatória. **Conclusão:** Nosso paciente utilizou o tratamento preconizado pelo Ministério da Saúde, que pode levar a cardiotoxicidade. Neste relato reforçamos que mesmo em pacientes jovens, a monitorização cardíaca deve ser realizada antes de iniciar o tratamento.

LE038

AVLIAÇÃO DA INFECTIVIDADE DE LEISHMANIA (LEISHMANIA) CHAGASI EM MACROFAGOS PERITONEAIS DOS PRIMATAS NEOTROPICAIS CALLITHRIX PENICILLATA E SAIMIRI SCIURENS.

CARNEIRO, L.A.¹; CAMPOS, M.B.¹; GOMES, C.²; CASTRO, P.H.³; PIRES, R.N.¹; MONTEIRO, A.J.O.¹; CORBETT, C.E.²; LAINSON, R.¹; SILVEIRA, F.T.¹.

¹Instituto Evandro Chagas (SVS), Belém, PA; ²FMUSP /LIM-50, São Paulo, SP. ³Centro Nacional de Primatas (CENP), Belém, PA.

Introdução: O uso de primatas não humanos como modelo deve-se a sua estreita relação filogenética e fisiológica com os humanos, justificando o uso desses animais como modelo de estudo. Vários trabalhos tanto no Velho quanto no Novo Mundo têm demonstrado que esses animais são capazes de desenvolver manifestações clínicas e imunopatológicas semelhantes às dos humanos acometidos de leishmanioses. **Objetivo:** Avaliar, *in vitro*, a infectividade da *Leishmania (L.) chagasi* em macrófagos peritoneais das espécies *Callithrix penicillata* e *Saimiri sciurens*. **Material e Métodos:** Uma cepa de *L. (L.) chagasi* isolada de um cão oriundo de área endêmica, obtidas de meio de cultura NNN (Difco B45) em fase estacionária foi usada para infectar macrófagos peritoneais dos primatas *C. penicillata* e *S. sciurens* na proporção de 10 parasitos/macrófago. Antes da obtenção das células (lavado peritoneal) os animais foram anestesiados com ketamina (2mg/kg). A cultura de células foi incubada a 37°C com 5% de CO₂. Após 24 e 72 h, as laminulas foram coradas com Giemsa e foi determinado o índice de infecção (porcentagem de macrófagos infectados x média de parasitos por macrófagos). Os dados estatísticos foram analisados no programa Bio-Estat 3.0 usando o teste Mann-Whitney. **Resultados:** Os valores relativos aos índices de infecção após 24 e 72 h dos macrófagos das duas diferentes espécies de primatas não apresentaram diferenças estatísticas significativas (p>0.05). **Conclusão:** As duas espécies de primatas apresentam graus de susceptibilidade semelhantes à infecção do macrófago peritoneal por *L.(L.) chagasi*.

LE037

APRESENTAÇÃO TAXONÔMICA E RELAÇÃO COM O TROPISMO VISCERAL DAS LARVAS DE CICLOFILÍDEOS, COM ÊNFASE NA GÊNERO ECHINOCOCCUS, EM ROEDORES SILVESTRES CAPTURADOS NA ILHA DE MARAJÓ, PARÁ, BRASIL.

CARNEIRO, L.A.¹, SOARES, M.C.P.¹; PEREIRA, W.L.A.²

¹Instituto Evandro Chagas – SVS/MS; ²Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, Belém, Pará.

Objetivo: Mediante critérios epidemiológicos, clínicos e laboratoriais, recentemente Soares *et al.* (2004) atualizou os casos de Equinococose Policística para a Amazônia oriental brasileira. Sobressai-se nessa atualização a grande concentração dos casos junto à ilha de Marajó, sugerindo a necessidade de levantamentos adicionais sobre os aspectos eco-epidemiológicos envolvendo tanto os casos humanos como os reservatórios silvestres da doença naquela ilha. **Materiais e Métodos:** Os resultados encontrados referem-se aos oito cutias (*Dasyprocta leporina*) capturadas na ilha de Marajó, município de Anajás, estado do Pará (00° 48' 877"S 049° 42' 06"W), no período de 20 de novembro a 20 de dezembro de 2005. Tanto o material a fresco como aquele fixado e corado em lâmina, foram examinados, mensurados e fotografados com um microscópio Motic B5 Professional e câmera Canon EOS Digital Rebel com 6,3 megapixel. Os critérios de identificação adotados para o presente estudo, referentes aos grandes e pequenos acúleos dos *Echinococcus* de importância nos trópicos foi aquele adaptado do resumo preconizado por D'Alessandro *et al.* O diagnóstico foi feito através da microscopia convencional. **Resultados:** Quanto aos locais das lesões císticas, o fígado foi o órgão de eleição com sete casos (87,5%), outros órgãos afetados foram baço e pulmão com um caso cada (12,5%). Dos casos registrados no pulmão, baço e em um fígado, o diagnóstico etiológico foi de *Echinococcus oligarthrus (Eo)*, já os outros seis casos no fígado diagnosticou-se *Cysticercus* sp. **Conclusão:** A grande concentração desta infecção junto à ilha de Marajó, se dá, possivelmente, devido a prática da caça de subsistência, ainda bastante presente nessa região, onde as vísceras dos animais caçados (cutias e pacas) são oferecidas como alimentos aos animais domésticos, justificando uma maior introdução do agente no ciclo doméstico. Esta afirmação, porém, no que diz respeito à infecção pelo *Eo*, está no âmbito da possibilidade, já que não existem observações comprobatórias publicadas.

LE039

ANÁLISE COMPARATIVA DA CARGA PARASITÁRIA NA PELE, LINFONODO E VÍSCERAS DE CÃES SINTOMÁTICOS E ASSINTOMÁTICOS DE ÁREA ENDÊMICA DE LEISHMANIOSE VISCERAL

LIMA, L.V.R.¹; CARNEIRO, L.A.¹; CAMPOS, M.B.¹; LAURENT, M.D.³; CORBETT, C.E.³; SILVEIRA, F.T.^{1,2}

¹Instituto Evandro Chagas (SVS), Belém, PA; ²Núcleo de Medicina Tropical (UFPA); ³Faculdade de Medicina (USP), S. Paulo.

Introdução: Considerando a importância do cão sorologicamente positivo, assintomático, no contexto das medidas de controle da leishmaniose visceral americana (LVA), objetivou-se avaliar, através da imunohistoquímica, a carga parasitária por *L. (L.) chagasi* na pele, linfonodo e vísceras de cães soro-positivos, assintomáticos e sintomáticos, de área endêmica no estado do Pará. **Materiais e Métodos:** Amostras examinadas: biópsias, após necropsia, de pele (orelha), linfonodo (poplíteo), fígado e baço de 60 cães sorologicamente (reação de imunofluorescência indireta) positivos para LVA, assintomáticos e sintomáticos. **Análise estatística:** Os testes qui-quadrado e Man-Whitney foram usados para avaliar as diferenças (p<0,05) entre as médias das densidades de macrófagos infectados (carga parasitária) de cada órgão dos cães. **Resultados:** A prevalência da infecção foi 100% no linfonodo, 98% nas vísceras; 77% e 55% na pele, em cães sintomáticos e assintomáticos, respectivamente. A pele apresentou maior (p<0,05) carga parasitária que os outros órgãos. As vísceras dos cães sintomáticos apresentaram parasitismo maior (p<0,05) que as dos assintomáticos. A carga parasitária total dos cães sintomáticos foi maior (p<0,05) que a dos assintomáticos e, cães com títulos sorológicos altos (≥ 1280 IgG) tinham carga parasitária maior que cães com títulos baixos (80 – 640 IgG). **Conclusão:** Considerando a vigilância epidemiológica da LVA, o cão sorologicamente positivo, assintomático, demonstrou ser tão importante quanto o sintomático.